



Uma leitura obrigatória e necessária

Rio-Paris-Rio, de Luciana Hidalgo

Caio Meira*

Quando iniciou a redação de *Rio-Paris-Rio* (2016), seu segundo romance, Luciana Hidalgo por certo não imaginava o quanto a ambiência ficcional escolhida por ela para narrar uma história de amor entre dois brasileiros exilados em Paris, durante o período que ficou conhecido como os anos de chumbo, teria um alcance quase premonitório. Ninguém poderia antecipar, desde 1985, a reconquista do voto direto, o estabelecimento de Comissões da Verdade nacionais e regionais para investigação, reparo e punição dos crimes cometidos pela ditadura militar, e a diminuição significativa da miséria ocorrida nos últimos dez anos, que hoje, em 2017, estaríamos mais uma vez vivendo uma instabilidade institucional e política dessa magnitude, e que o país sofreria mais um golpe de Estado a fim de conduzir ao poder um grupo que se encarrega de suprimir todas as conquistas sociais alcançadas nas últimas décadas. Sobretudo, era inimaginável supor, a partir das manifestações de 2013, que parte significativa da população brasileira viria desejar o retorno dos militares ao poder e a consequente e progressiva reinstauração das práticas fascistas das quais parecíamos tão afastados. O que escapa aos analistas políticos, porém, acaba por ser captado pelas antenas dos artistas.

* Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cabe notar que Luciana Hidalgo é também jornalista. Escritores que fazem essa travessia – entre o jornalismo e a literatura – são invariavelmente remetidos à questão muitas vezes entendida como uma aporia entre duas atividades: a do jornalista desejavelmente fiel à sua deontologia e aquele que dá as costas aos fatos e pode enfim cuidar apenas de inventar seu próprio mundo. Entre uma suposta transparência da neutralidade jornalística e a espessura imaginária da ficção, o equívoco primeiro e fatal é pensar essa relação muito rica e complexa como uma separação de fato, pois há, como sabemos, tanto uma produção contínua de subjetividade em toda a mídia dita informativa quanto a própria ideia de ficção como ausência da realidade já está há muito estilhaçada tanto por um lado (jornalismo literário, gonzo jornalismo etc.) quanto pelo outro, como por último veio provar a autoficção. Nesse caminho indistinto entre um fato e sua narrativa jornalística-literária, basta pensar, entre nós, em João do Rio, em Nelson Rodrigues, ou no próprio Lima Barreto, tema do doutorado de Luciana Hidalgo e figura inspiradora, posteriormente, de seu primeiro romance, *O passeador* (2011).

Em *Rio-Paris-Rio*, a história de amor de Maria e Arthur é, como afirma numa entrevista a própria autora, “pura ficção”. Seguindo o método já presente em *O passeador*, Luciana Hidalgo se dedica à reconstrução detalhada de uma época, de uma sociedade e sua cultura. Assim, essa pura ficção passa a ter um poderoso efeito de realidade em função da recriação minuciosa e acurada não apenas do cenário geográfico pelo qual transitam os personagens, mas também da ambiência intelectual e motivacional dos anos 1960-70, em especial a partir do ponto focal do livro, os eventos que orbitam em torno de Maio de 68. Maria, apesar de considerar “fora de moda” o existencialismo, é uma figura mergulhada na solidão e no abandono,

desgostosa de seu passado por ser neta de um general linha-dura, inconformada com seu presente de estudante de filosofia cartesiana num mundo em convulsão e impotente quanto a seu futuro por não conseguir aderir a nenhum lugar, discurso ou afeto. Quem vem em primeiro lugar curá-la de seu mal-estar permanente é um poema que alguém joga por debaixo de sua porta e que ela lê, enlevada, num ponto neurótica e simetricamente determinado de seu quarto. Nesse ponto, um X que se pretende equidistante em perfeição das arestas de seu quarto, ela se protege de seu *malaise* escutando *ad nauseam* “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso. Mas um arranhão no disco faz com que a música se interrompa num “não” infinito. Por isso o “sim”, a alegria que ela tanto busca, terá de vir de outra parte. Esse outro, Arthur, que entra em sua vida como o poema, por baixo da porta, não será infernal, como vaticina a famosa sentença de Sartre. Arthur surge para que ela possa superar as tantas dicotomias que a transtornam: civilização e barbárie, simetria e loucura, razão e intuição, espontaneidade e método etc. Maria, assim como nós, se vê massacrada por essas aporias que a fazem cotidianamente sofrer, seja na Sorbonne, seja entre os amigos parisienses, brasileiros e sul-americanos também exilados em Paris. Arthur, poeta errante e xará do poeta das Ardenas, ele também exilado e estrangeiro como Maria – talvez tão perdido quanto ela –, traz para ela a possibilidade de escutar um “sim” vindo do outro, e desse modo poder deslizar para a alegria, a de Caetano e a sua, da mesma maneira que Maria, por sua vez, pode assumir para Arthur o papel desse outro afirmador. Juntos e separados, eles vivem esse período conturbado, cuja reconstituição primorosa nos ajuda, hoje, a entender a complexidade do momento por que passamos. E nos dá muitas pistas do que é ser brasileiro, nas nossas contradições e paradoxos.

Se a relação entre um autor e seus personagens é de mão dupla, pois quem cria é sempre criado, e se nós leitores nos tornamos ao mesmo tempo autores e personagens da narrativa que estamos lendo, com *Rio-Paris-Rio* Luciana Hidalgo nos devolve a um período de nossa história que acreditávamos ter superado, mas cujas condições voltam a pairar no horizonte. Essa antecipação promovida pela escritora-jornalista nos dá mais poder para decifrar o enigma de um momento crucial na história do país. E por isso, mais do que nunca, por ter cumprido seu papel de obra literária real e ficcional, *Rio-Paris-Rio* se torna leitura obrigatória e necessária.